

MEMÓRIA QUE PERSISTE

A hipermnésia desafia a ideia de memória perfeita e revela como o excesso de lembranças pode afetar emoções, sono e qualidade de vida



Freepik

POR JÚLIA SIRQUEIRA*

Lembrar com exatidão de acontecimentos distantes, reviver cenas da infância com riqueza de detalhes ou acessar memórias autobiográficas, como se fossem recentes, costuma ser visto como sinal de inteligência privilegiada. No imaginário popular, a memória extraordinária é tratada como um dom raro. Mas, para a ciência, a hipermnésia levanta questões complexas sobre o funcionamento do cérebro, o papel do esquecimento e os limites entre habilidade cognitiva e sofrimento emocional. Embora não seja considerada uma doença em si, essa condição pode se tornar um desafio quando o passado passa a ocupar espaço excessivo no presente.

Na prática clínica, a hipermnésia não é reconhecida como um diagnóstico isolado pela psiquiatria. O psiquiatra e coordenador do serviço de Psiquiatria do Hospital Anchieta, Fábio Leite, explica que ela pode aparecer tanto como um traço cognitivo quanto como um sintoma associado a outras condições. “Ela iso-

ladamente não indica nenhum problema de saúde mental”, afirma. A avaliação, segundo ele, precisa considerar o contexto geral do paciente, observando se essa memória ampliada vem acompanhada de alterações de humor, aceleração do pensamento, crises de ansiedade, dificuldades de socialização ou prejuízos na vida profissional e afetiva.

A neurologia reforça esse cuidado ao diferenciar memória excepcional de hipermnésia clínica verdadeira. Bruno Iepsen, neurologista da Comissão Científica da ABRAZ, membro titular da Academia Brasileira de Neurologia e coordenador da residência médica em neurologia do Hospital Geral de Fortaleza, ressaltava que a hipermnésia descreve uma capacidade incomum de lembrar informações com enorme riqueza de detalhes por longos períodos. “Não se trata de memória perfeita, mas de um acesso muito facilitado às lembranças, especialmente autobiográficas”, pontua. Do ponto de vista cerebral, esse funcionamento parece estar ligado a uma maior eficiência dos circuitos envolvidos na consolidação e na recuperação da memória.